



O que representamos para o Facebook: como o poder e os discursos operam na construção de subjetividades¹

Lícia Frezza Pisa²

Universidade Federal de São Carlos/SP

Resumo

Este trabalho abordará a questão da subjetividade do usuário do Facebook por meio dos discursos e do poder e como, ao falar de si, o usuário se torna outro, transforma a sua identidade no/para o Facebook ao preencher/editar o seu perfil. A fundamentação teórica se refere aos estudos de Michel Foucault sobre discurso, sujeito e poder e as análises serão feitas a partir das opções de preenchimento de perfil, quando o usuário preenche a sua página e passa a existir na rede social. Defende-se neste trabalho que a Internet é um espaço extremamente vigiado e controlado e esse controle, essa vigilância e os efeitos desses mecanismos nas redes sociais da Internet permeiam os discursos, a possibilidade de constituição de sujeitos, de identidades, tomando a relação entre poder e liberdade não como um movimento de exclusão, mas de implicação mútua.

Palavras-chave: discurso; poder; subjetividade, Foucault; Facebook.

Para conceituar o poder, sabemos que Foucault em seus estudos sobre a genealogia da sexualidade no Ocidente (1988), começou a delinear algumas noções sobre o poder e percebeu que a partir do século XVI – muito longe de um silenciamento em torno do sexo – houve uma proliferação de discursos sobre o sexo, que passaram a circular intensamente nos meios institucionais como a escola, a Igreja e a família, além de se tornar objeto de produção de saberes advindos da medicina e da pedagogia, por exemplo. O que ocorreu foi que, ao invés de reprimir e silenciar as práticas sexuais foi possível a permissão, a fala, a inclusão, a incitação, fazendo com que a lógica do poder operasse de forma a deixar falar e, assim, quanto mais informações tivessem sobre o sexo, mais seria possível controlá-lo. A lógica do poder passou da imposição hierárquica, em que atuava censurando, para a microfísica do poder.

O poder operando nessa lógica não é estático, ele vai se reciclando, se renovando, pois de tempos em tempos os poderes vão mudando, configurando novos regimes de fazer,

¹ Trabalho apresentado no DT 06 – Interfaces Comunicacionais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Mestre em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos/SP. Docente do curso de Comunicação Social: Publicidade e Propaganda do Instituto Municipal de Ensino Superior de Bebedouro “Victório Cardassi” – IMESB, e-mail: liciafrezza@hotmail.com



de falar de si, de agir, etc. O poder não é algo que se domine ou compartilhe, ele circula e é também efeito dessa circulação, funcionando em rede. Ele não se localiza nos indivíduos, ele atravessa os indivíduos, fazendo com que o indivíduo se torne sujeito enquanto inscrito em certos regimes de subjetivação, havendo sempre a possibilidade de resistência. As relações de poder não operam hierarquicamente, mas de forma difusa atravessa os domínios (apenas o poder jurídico opera de maneira hierárquica). Para Foucault (1988) toda relação é uma relação de poder, que não opera de forma dicotômica (dominador *versus* dominado) e não tem um sujeito que o controle e o domine. Não há ponto de resistência exterior ao poder, as resistências são múltiplas. Assim, resumidamente, pode-se dizer, segundo Foucault, que há duas dinâmicas de poder: o poder jurídico (que opera pela repressão e pela censura) e o poder estratégico (que opera pela incitação, pelo prazer e pela intensificação) (FOUCAULT, 1988).

O poder jurídico ou poder-lei opera de forma negativa, rejeitando, excluindo, recusando, dizendo o que é lícito ou ilícito, interditando, proibindo o tocar, o falar, o consumir; já o poder estratégico, ou poder-prazer, opera de maneira criativa e sutil e tem como características: circular e não ter ninguém que o domine ou o compartilhe; não ser hierárquico, impositivo; ser constitutivo das relações; não operar de maneira binária; não ser fruto de uma intenção subjetiva; e não ter um ponto de resistência exterior, mas resistências múltiplas inscritas na sua própria dinâmica.

Desse modo, pensar o funcionamento político das relações, valorizando certas práticas, certas verdades, etc., implica pensar como essas práticas e verdades estão inseridas numa rede de produção e circulação que valorizam certos discursos e não outros e produzem certas verdades e não outras.

Foucault também pensou o poder pelo viés disciplinador, pois percebeu que a partir do séc. XVII e XVIII o poder passou a operar segundo a lógica da vigilância, e não mais segundo o modelo soberano e hierárquico, passando a atuar normatizando as condutas, os comportamentos, os corpos, os discursos. Esse modelo teve como marco a invenção do panóptico, por Bentham³ (1791), que funcionava com uma torre central rodeada de celas vazadas dos dois lados (dentro e fora da construção) por janelas, de modo que quem ocupasse a cela pudesse ser vigiado constantemente: “devido ao efeito de contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se na luminosidade, as pequenas silhuetas prisioneiras nas celas da periferia” (FOUCAULT, 1999, p. 115). O panóptico,

³ Jeremy Bentham, filósofo e jurista inglês, pensou o Panóptico como modelo prisional.



assim, agiria como efeito duplo de normatização: de forma contínua para a normatização das condutas até chegar ao ponto do próprio sujeito ser o vigilante de si mesmo, e também na observação individualizante, produzindo saberes por meio da classificação, do exame, do registro, dos relatórios, etc.

Com relação à questão do sujeito, que abre muitas brechas para ser pensada e repensada na Análise do Discurso, poderíamos dizer que há um consenso no que diz respeito ao fim do sujeito cartesiano, do sujeito centrado, estruturalista. Assim, a noção de sujeito varia conforme as teorias, o *corpus* pesquisado e as diferentes épocas e os diferentes gêneros (POSSENTI, 2003). O sujeito seria, então, efeito de relações que se estabelecem entre diferentes dimensões: biológicas, social, de linguagem, cultural, ideológica, etc. Para Foucault, a questão do sujeito está diretamente ligada às relações de poder.

Ao pensarmos o sujeito podemos pensar também a questão da identidade, que é um termo complexo, estudado por várias áreas do saber, como Antropologia, Psicologia Social, Sociologia, etc. É possível pensarmos a identidade por meio da linguagem, visto que, para Foucault (1988) o sujeito se constitui por diversas práticas discursivas.

De acordo com Hall (2006), há uma dissolução das identidades na pós-modernidade - a intensificação das interações comunicacionais, motivada pelas novas tecnologias e a globalização, seria uma das causas de uma identidade provisória e variável quando posta em relação com outras identidades. Porém, não se trata apenas de entender como as identidades mudam, variam ou se tornam líquidas (BAUMAN, 2005), mas como o poder opera para que essas identidades/subjetividades circulem e se constituam. Bauman (2005) adjetiva certas ocorrências na contemporaneidade como líquidas e sua teoria trata da diluição dos laços sociais, das identidades, dos relacionamentos, da vida cotidiana, etc. que se tornaram transitórios, fluidos, nômades, ao contrário das formas definidas, confiáveis, controláveis e sólidas dos tempos passados.

Na perspectiva adotada neste artigo, sabe-se que não se nasce sujeito e, tampouco, as identidades existem de forma independente ou soberana, mas são frutos de um processo histórico, social, cultural e político. Os sujeitos compartilham crenças, valores, padrões cognitivos e linguísticos que remetem a grupos sociais e que são efeitos do funcionamento histórico do poder.

Com isso, a identidade não pode ser vista como sendo estável e garantida por si mesma como em tempos antigos. Na contemporaneidade, a identidade diz respeito a um homem “líquido-moderno”, sem vínculos e sem compromisso com alguém, mas conectado com



o mundo (BAUMAN, 2005): temos como fenômeno correlato e constitutivo das identidades hoje, a explosão da Internet, oferecendo interações fáceis e rápidas, relativizando as fronteiras espaciais e multiplicando as possibilidades identitárias, como ocorre, por exemplo, em redes sociais.

A globalização foi um dos fatores de descentramento do sujeito (HALL, 2006), pois trouxe a ideia e a possibilidade de mobilidade, de pertencimento a certas identidades flutuantes e efêmeras, uma indústria de identidades, que faz com que a identidade seja “um manto leve pronto a ser despido a qualquer momento” (BAUMAN, 2005, p. 37). Pensar a identidade é pensar o deslocamento e a passagem por categorias líquidas, prontas para mudar a qualquer instante. O pertencimento se dá na instabilidade e o que facilita esse movimento são a informação, a comunicação e as redes possibilitadas pela tecnologia da Internet, portanto, a identidade está sempre a ponto de ser testada, experimentada, pois está em constante processo de constituição.

Hall (2006), coloca que a intensidade das formas de comunicação interacional acelera a desestabilização das identidades. É o que temos, por exemplo, com as redes sociais na Internet que possibilitam ao indivíduo, entre outras coisas, ser vários a cada atualização do perfil ou simplesmente se configurar num perfil *fake* e se identificar de uma outra maneira. Nesse caso, essa possibilidade é potencializada pelo funcionamento do poder, pois por meio dele será permitido certas coisas e não outras, a forma de circulação na rede, o que e como é possível falar, a configuração de um perfil *fake* de uma dada forma, etc.

Desse modo, pensar a identidade de sujeitos que se inscrevem em redes sociais como o Facebook nos leva a pensar que essa identidade é constituída por meio de tensões, de regulamentações das redes sociais e também da sociedade, todas elas permeadas por jogos de poder e que trazem consigo a noção de movimento, atualização, mutabilidade. E, sendo as redes sociais entendidas como tendo forte capacidade de inclusão e de abrangência de todas as expressões culturais (RECUERO, 2004), funcionam basicamente pela interação social, criando laços entre os usuários por meio da comunicação.

Foucault traz algumas contribuições para pensarmos a questão da identidade, pois analisou o processo em que o ser humano se constituiu em objeto de saber: o ser da linguagem (objetos da filologia e gramática), o ser produtivo (economia política) e o ser vivo (biologia). Há também as práticas que subjetivam os indivíduos, como as práticas disciplinares. Desse modo, o sujeito sempre está em relação com outros, com coisas,



com discursos, com práticas discursivas que permeiam as possibilidades de subjetividade, marcando as posições de sujeito, quem pode ocupar essa posição, o que é possível enunciar, de que lugar se fala, etc. De acordo com Gregolin (2008, p. 33),

Como os sujeitos são sociais e os sentidos são históricos, os discursos se confrontam, se digladiam, envolvem-se em batalhas, expressando as lutas em torno de dispositivos identitários.

Foucault (1978) enxerga, nesses intensos movimentos, uma *microfísica do poder*: pulverizados em todo o campo social, os micro-poderes promovem uma contínua luta pelo estabelecimento de verdades que, sendo históricas, são relativas, instáveis e estão em permanente reconfiguração. Eles sintetizam e põem em circulação as *vontades de verdade* de parcelas da sociedade, em um certo momento de sua história. As identidades são, pois, construções discursivas: o que é “ser normal”, “ser louco”, “ser incompetente”, “ser ignorante”... senão relatividades estabelecidas pelos jogos desses micro-poderes?

Desse modo, a identidade é tratada como efeito produzido pelo poder, pelo discurso e como algo em constante construção, visto que se inscreve na história. O sujeito é um efeito das micro lutas cotidianas que se realizam por meio da linguagem, dos dizeres, dos signos.

Neste artigo, os termos identidade e subjetividade são tidos como similares, uma vez que se trata de entender a constituição do indivíduo em sujeito por meio de frequentes transformações históricas, políticas, sociais, econômicas, etc., todas elas efeitos de uma certa dinâmica do poder, conforme postulado por Michel Foucault.

Sendo assim, de que maneira é possível analisar as identidades no Facebook por meio do funcionamento do poder e dos discursos? Recorro a uma citação do próprio Foucault para este esclarecimento:

o tipo de análise que pratico não trata do problema do sujeito falante, mas examina as diferentes maneiras pelas quais o discurso desempenha um papel no interior de um sistema estratégico em que o poder está implicado, e para o qual o poder funciona. Portanto, o poder não é nem fonte e nem origem do discurso. O poder é alguma coisa que opera através do discurso, já que o próprio discurso é um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder. (FOUCAULT, 2006, p. 253).

Os discursos são produzidos e circulam segundo táticas (meios) e estratégias (finalidade) de poder. O poder atravessa os discursos fazendo funcionar uma engrenagem que faz ver certas coisas, falar certas coisas, proliferar certos temas e não



outros, se constituir de uma dada maneira, desejar de um certo modo e não de outro. O poder é encarado, então, como uma tecnologia, utilizado para um fim, por meio de tática(s), objetivando favorecer o manejo de certas situações. Desse modo, a estratégia configura a conjuntura e as correlações de forças que são necessárias às diversas situações de confrontos produzidos e a tática vem a ser o meio pelo qual os efeitos de poder são produzidos, são favorecidos.

Sendo assim, temos que discurso, poder e sujeito constituem uma trilogia em que as partes estão mutuamente implicadas: os indivíduos ao reconhecerem certos discursos e saberes como legítimos e verdadeiros, se apropriam deles, constituindo-se em sujeitos.

Os discursos, então, operam em rede e devem ser analisados de acordo com outros acontecimentos discursivos, que mantêm uma relação com os sujeitos e com o poder. Nesse caso, cabe analisar como os indivíduos se tornam sujeitos, como conseguem formatar uma maneira de existir possibilitada pelo mundo digital, o qual é permeado por certos mecanismos de poder que perpassam, controlam e possibilitam a produção e circulação dos discursos na rede. Trata-se de pensar de que maneira, na era digital, os indivíduos são constituídos em sujeitos ao se inscreverem em práticas sociais interativas, como no caso das redes sociais, que formam/fragmentam suas identidades. É preciso lembrar que a questão da identidade está sendo tomada como processo, em que certos modos de subjetivação, poder e discursos corroboram para a constituição da identidade do usuário do Facebook, e não como algo dado, cristalizado.

No Facebook, os indivíduos são levados a falar de si e, assim, construir um perfil de si, através tanto da mobilização de certos marcadores identitários pré-dados, como da expressão de atributos que retratariam a sua personalidade. Além disso, no Facebook, as práticas de interação com amigos, *fan pages*, compartilhamentos, curtir publicações, comentários, relacionamentos, etc. também são constitutivas da identidade virtual. Desse modo, entendemos que os discursos veiculados tanto no ambiente social como no ambiente do Facebook são permeados pelo poder e constitutivos da formação dos sujeitos e de seus modos de subjetivação, considerando que esses sujeitos se encontram inscritos numa rede de relações complexas, em que várias instâncias estão presentes, como o jurídico, a família, os dizeres possíveis, o modo como a circulação se dá, o propósito da rede, etc., pois “nesse espaço digital, o indivíduo se (re)constrói como sujeito ou sujeitos por meio de suas práticas discursivas projetando sua subjetividade de forma real ou imaginária” (FERNANDES, 2008, p. 279-280). Assim, pretendemos analisar, dentre tantas possibilidades, as formas de preenchimento do perfil (marcadores



identitários) fornecidas pelo *site* para entendermos de que maneira os marcadores e as informações que o usuário fornece acabam produzindo efeitos sobre a construção discursiva das identidades no/pelo Facebook.

Análise do perfil no Facebook

A identidade é pesquisada neste trabalho com o intuito de perceber como o poder age de maneira a normatizar e dividir os indivíduos, organizando-os em categorias, classificações específicas com o objetivo de regular comportamentos, dizeres, certos temas e a formar uma identidade, uma espécie de vitrine.

Podemos perceber que as identidades no Facebook, por mais que cada perfil tenda a ser único, serão de certa forma unificadas por fazerem parte de uma mesma rede, em que estão dispostos certos modos de dizer de si, já previamente estruturados pelos seus desenvolvedores. Aqui não mencionaremos a questão de resistência a esses mecanismos, mas podemos entender que, de modo geral, a padronização tende a ser um meio de dizer sobre as identidades, mesmo que não sejam preenchidos todos os marcadores de edição do perfil e que, em alguns deles, haja espaço para o próprio usuário falar sobre si. Uma possibilidade de resistência seria o perfil *fake*, porém, mesmo sendo um perfil que pode não condizer com uma identidade civil, real, é um perfil que apresenta desejos, anseios, preferências, etc.

Por mais que haja regras para se inscrever no Facebook, o mesmo possibilita ao usuário tornar-se outro, diferente da sua identidade civil no cotidiano, ou mesmo transformar várias vezes o perfil. Assim, percebemos que a identidade no Facebook se constitui por meio de dois eixos: o outro, que dará visibilidade e audiência, e pela mudança, possibilitada pelas ferramentas disponibilizadas pela rede, que dá condições ao usuário se ressignificar, refazer a sua identidade quantas vezes desejar, mesmo “preso” a certas informações já pré-determinadas pelo Facebook.

A identidade no Facebook se valida basicamente pelos mecanismos do próprio perfil, os compartilhamentos e comentários (sobre o que eu falo, ou seja, quais discursos permeiam o meu horizonte social), o que os outros curtem no meu perfil ou publicações e o que os outros dizem sobre mim na minha página, porém, apresentaremos apenas as opções disponíveis no preenchimento do perfil.



Pensando nas possibilidades do usuário falar de si, vemos que é possível existir por meio de sete especificações de perfil: trabalho e educação, residência, relacionamentos e família, sobre você, informações básicas, informações de contato e citações favoritas.

Fazendo uma apresentação das opções do perfil, temos em Trabalho e Educação as opções de informar onde você trabalhou, em qual instituição de ensino superior você estudou e em qual instituição de ensino médio você estudou. Nestas opções é possível notar que só é possível colocar o nome da escola a partir do ensino médio, ou seja, um mecanismo de exclusão de sujeitos com pouco estudo e uma forma de estigmatização. Por meio das informações a respeito dos lugares em que trabalhou (que vão ficando registradas na linha do tempo) é possível analisar a classe a qual pertence, o que pode consumir, o poder de consumo, além de operar também como um currículo de apresentação. Trata-se da construção de uma imagem para ser vendida/comercializada.

Em Residência é possível informar a cidade atual em que o usuário está e a cidade natal. Essas opções podem ser editadas para serem públicas, apenas para amigos, somente eu, personalizado, melhores amigos, família e conhecidos. Notamos que fornecer este tipo de informação faz com que os outros saibam onde se está e esta é uma ação para a visibilidade, ou seja, mostrar para os outros onde me encontro, abrindo mão da privacidade, principalmente se o usuário utilizar aplicativos que indiquem os locais por onde passa. Esse tipo de ação pode gerar certo desconforto, pois muitos usuários podem ser vítimas de assaltos, etc. por indicarem os horários que não estão em casa⁴.

Em Relacionamentos e Família é possível informar o status do relacionamento com as seguintes opções: solteiro, em um relacionamento sério, noivo, casado, em um relacionamento enrolado, em um relacionamento aberto, viúvo, separado, divorciado. Notamos que esta classificação também servirá como indicador de poder de consumo, uma vez que as pessoas em determinadas situações tem o seu comportamento de consumo modificado. Para o marcador família é possível classificar outros perfis do Facebook pelo grau de parentesco como irmão, pai, mãe, primo, avó, cunhado, neta, etc. Percebemos esta ação como uma busca da verdade com relação às pessoas. O Facebook não quer perfis falsos, quer que todos se reconheçam e formem vínculos, grupos específicos para que os conteúdos que circulem na rede sejam aqueles apropriados socialmente, ou seja, publicar aquilo que se fala socialmente, fazer com que a rede não

⁴ “Foi criado o site “Please Rob me” em que as informações das redes são compiladas de modo a informar quando as casas estão vazias ou não, fazendo com que os proprietários sejam vítimas de roubo. Disponível em: <http://pt.euronews.com/2010/02/25/site-please-rob-me-publica-lista-de-casas-potencialmente-vazias-baseando-se-na/>



seja uma máscara para assuntos compreendidos como ilícitos. Pelo rastreamento do que se fala é possível compreender os discursos, as tendências, do que não se fala, etc.

Sobre Você é um espaço em que o usuário pode falar o que quiser de si. O falar de si faz com que o usuário se constitua mediante o mecanismo de confissão, que como colocou Foucault (1988), seduz o sujeito, visto que é no falar sobre si que ele toma uma certa consciência e conhecimento de si. Porém, não é possível falar abertamente sobre si, visto que há as opções de edição que permitem ao usuário limitar a visibilidade dessa informação tornando-a pública ou não e, nesse caso, sendo visível apenas para amigos, apenas o usuário, melhores amigos, família e conhecidos. É também possível falar de si “livremente”, sem as marcações já dadas do filtro, na opção Status: o que estou pensando e em Citações Favoritas. Nesses marcadores abertos podemos encontrar o poder estratégico operando de modo a deixar o sujeito falar sobre suas preferências, o que passa a ser utilizado como dados estatísticos para se detectar tendências e se expandir as categorias identitárias.

Em Informações Básicas é possível informar:

- a) a data do nascimento;
- b) o gênero: masculino ou feminino;
- c) interessado em: homens ou mulheres;
- d) ano: a partir de 1905, o que demonstra a busca por pessoas mais velhas, como avós, para participarem da rede. Diferentemente do Orkut que limitava a data em 1981 como forma de concentrar pessoas mais jovens ou pelo menos pessoas que pudessem informar seu ano de nascimento;
- e) status do relacionamento: solteiro, em um relacionamento sério, noivo, casado, em um relacionamento enrolado, em um relacionamento aberto, viúvo, separado, divorciado. É possível questionar, neste caso, como os discursos vão se renovando e novos tipos de relacionamento vão aparecendo, como relacionamento sério, relacionamento enrolado e relacionamento aberto, atuando como uma estratégia do Facebook em devolver aos usuários informações que eles mesmos fornecem ao preencher os perfis, compartilhar conteúdos, etc.;
- f) idiomas, em que é possível perceber um certo pertencimento/exclusão social;
- g) religiões: quais as crenças religiosas? Essa opção tem um espaço para o usuário escrever a respeito e cabe aqui uma observação sobre o estigma. Goffman (1988) elenca três tipos de estigmas: deformações físicas do corpo, culpas relacionadas à desonestidade, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, suicídio, etc., e os



relacionados à raça, nação e religião. Neste caso indaga-se: o usuário que se sente estigmatizado deve se colocar a falar de si numa rede social buscando certa aceitação ou mesmo encontrar perfis semelhantes validando essa aceitação entre semelhantes ou pode escolher não falar de si e não falar sobre aquilo que, para ele, é depreciativo? O Facebook utiliza esse marcador com intuito de segmentação de mercado?;

h) preferência política: quais são suas opiniões políticas? Essa opção tem um espaço para o usuário escrever a respeito das suas posições e, cabe lembrar que no final de Julho de 2011 houve um atentado na Noruega em que o acusado, Anders Breivik, teve seu perfil em redes sociais rastreado e foi encontrado na sua descrição a opção política de extrema direita. Interessante notar como as redes sociais, mesmo havendo a possibilidade de se omitir, inventar, mentir informações sobre o perfil, as informações são utilizadas quando há a necessidade de se saber/construir a verdade de determinado sujeito. Nota-se uma tendência em refinar cada vez mais os mecanismos das redes sociais para que os usuários digam a verdade de si, fazendo com que as redes funcionem como um dispositivo de segurança. Podemos perceber esse mecanismo estratégico quando os usuários são levados a informar o grau de parentesco dos perfis que compõem a sua rede de modo a ser mais verdadeiro. De acordo com Gross e Acquisti (2005) essa é uma tendência entre as redes sociais para favorecer uma base de dados mais coerente com a realidade dos usuários. Esse mecanismo de rede social se alinha também com um novo modo de vigilância, uma vigilância lateral, *peer-to-peer* (ANDREJEVIC, 2005), ou seja, se vigia os mais próximos, os cônjuges, os parentes, os amigos mais íntimos e, com isso, é possível detectar e produzir verdades mais “genuínas” sobre os sujeitos, pois as redes sociais seriam mais densas, específicas, de laços fortes e se evitaria com isso os perfis *fakes*. Além disso, essa vigilância se torna um mecanismo, ainda de acordo com Andrejevic (2005), para refinar a segurança e o controle de informações dos sujeitos em governos neo-liberais (em que o controle dos cidadãos é mais complexo e é necessário conter e educar os cidadãos), e para isso seria preciso que os usuários fossem “eles mesmos” nas redes sociais. Invoca-se uma vigilância mais íntima, familiar.

No marcador Informações de Contato é possível informar sobre os telefones, e-mails, endereço, CEP, sites e outras redes. Lembrando que em todas as possibilidades de falar sobre si e dar informações há opções de edição para as informações serem públicas, apenas para amigos, somente eu, personalizado, melhores amigos, família e conhecidos,



ou seja, o usuário limita certos saberes sobre si a determinados grupos, mas o Facebook tem acesso a todas as informações.

Fazendo uma comparação com o perfil do Facebook e do Orkut podemos perceber que a orientação sexual e a etnia, enquanto marcadores de identidade, não aparecem no Facebook. No Orkut a opção de interesse em namoro inclui a bissexualidade e esse item pode ser visível para todos, diferente do marcador orientação sexual que pode ser restrito para o próprio perfil, amigos, amigos de amigos ou todos. Podemos questionar as restrições ao se falar da sexualidade: como os sujeitos são levados a falar sobre a sua sexualidade quando não há a restrição de filtros permitindo quem visualizará? Podemos perceber que a sexualidade continua sendo um tabu por não aparecer no perfil do Facebook e questionar se o Facebook se isenta de colocar esse marcador para o usuário não se sentir invadido, constrangido ao falar de sua sexualidade, porém, tendo o poder de rastrear informações e circulações que digam sobre a sexualidade do usuário? A descrição da etnia também não aparece no Facebook, ou seja, o usuário não inclui sua etnia, sua raça como parte do seu perfil, da sua identidade. Isso pode ser encarado como reflexo da globalização, sendo todos semelhantes? Ou ainda, pensar que no ambiente Facebook todos são iguais e que essa descrição se torna desnecessária?

É possível perceber pelos marcadores identitários do Facebook um certo funcionamento social. Sendo assim, reagrupamos os traços de identidades que também operam como formas de subjetivação:

- Identidade civil: nome, sobrenome, sexo, data de nascimento, ano de nascimento, cidade, Estado, CEP, país, cidade natal, relacionamento/interesses;
- Identidade cultural e social: religião, visão política, idiomas que falo;
- Filiações Institucionais: escola (ensino médio), faculdade, empresa/organização;
- Auto-definição: sobre você, status: o que estou pensando e citações favoritas.

Para finalizar, percebemos que o poder disciplinar opera na manutenção da identidade do perfil, registrando todas as informações que o sujeito puder dar: “a disciplina [...] individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações” (FOUCAULT, 1975, p. 125). Assim, funciona a rede de amigos do Facebook, cada um com seu perfil circulando, compartilhando, adicionando e esperando ser aceito por outros perfis.



Esse mecanismo funciona, pois a engrenagem é alimentada pelo poder estratégico, que incita a visibilidade, a audiência e a circulação. O poder-saber, a produção de uma certa verdade no Facebook se dá pela confissão: “a confissão passou a ser, no Ocidente, uma das técnicas mais altamente valorizadas para produzir a verdade (FOUCAULT, 1988, p. 67).

O Facebook funciona agregando o maior número de amigos a um outro único perfil pelo mote da amizade, ou seja, os usuários adicionam amigos. A amizade seria o fio condutor do poder estratégico para fazer funcionar a circulação. Pensando desta maneira, entendemos que seria um meio de sedução: os usuários com uma vida cada vez mais de solidão encontram nos movimentos de “aproximar-se e afastar-se [...] simultaneamente o impulso de liberdade e a ânsia por pertencimento” (BAUMAN, 2004, p. 51). Assim, na exclusão, na solidão, na falta de compromissos da vida o usuário encontra nas redes sociais uma maneira de tecer sua própria rede, circular por ela da maneira que lhe convier, sem precisar ter vínculos estreitos ou estar sempre presente: a amizade é ressignificada. A audiência seria então uma coleção de perfis de amigos sem a necessidade de se tecer vínculos e o perfil seria uma espécie de “espetacularização do eu” (SIBILIA, 2008) em que não há mais a necessidade de se espelhar em figuras das mídias tradicionais, tidas como sociedades do espetáculo, mas sendo possível ao usuário fazer do perfil o espetáculo de si mesmo. “Ser o que deseja e deixar de ser quando quiser” (RECUERO, 2007, p.10), publicando incessantemente no espaço meu status o que eu estou pensando, o que eu estou sentindo, modificando e adicionando fotos, compartilhando, etc.

Pensando nas informações que marcam a identidade do usuário, podemos pensar em vários perfis de consumidores. Para Hall, essas seriam “identidades partilhadas – como “consumidores” para os mesmos bens, “clientes” para os mesmos serviços, “públicos” para as mesmas mensagens e imagens – entre pessoas que estão bastantes distantes umas das outras no espaço e no tempo (HALL, 2006, p. 74). Esse pode ser um mecanismo de publicidade nos tempos de Web 2.0, em que há a fragmentação dos horários publicitários nas mídias convencionais e as redes sociais integrariam um dispositivo para elencar, seduzir e produzir públicos, consumidores e desejos. Assim, o Facebook seduz o usuário a falar de si visando o outro e esse usuário representa para o Facebook um tipo de consumidor, um modo de segmentar tendências e apreender saberes.



Referências

ANDREJEVIC, Mark. The work of watching one another: lateral surveillance, risk and governace. **Surveillance & Society People watching people**. 2 (4): 479-497, 2005. Disponível em: [http://www.surveillance-and-society.org/articles2\(4\)/lateral.pdf](http://www.surveillance-and-society.org/articles2(4)/lateral.pdf). Acesso em 19 Agosto 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

_____. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

FERNANDES, Fabiana Parpinelli Gonçalves. **ORKUT**: um arquivo digital. In: **Revista de Letras**. V.10, ano 2008. Franca/SP. ISSN 0104-9992. Disponível em: http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/10_Fabiana%20MariaRegina.htm. Acesso em 11Abril 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso** (1970). Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/2520353/Michel-Foucault-A-Ordem-do-Discurso>. Acesso em 20 Dezembro 2010.

_____. **Vigiar e Punir**. 30. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

_____. **História da Sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Rabinow. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**. Tradução Vera Porto Carreiro. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

_____. **Microfísica do Poder**. 14.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

GOFFMAN, Erving. **Stigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4.ed. Trad.: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GREGOLIN, M. R. F. V. Identidade: objeto ainda não identificado?. In: **Estudos da Língua(gem)** (Impresso), v. 04, p. 23-36, 2008.

GROSS, Ralph; ACQUISTI, Alessandro. Information revelation and privacy in online social networks (the facebook case). **Anais do 2005 ACM Workshop on Privacy in the Eletronic Society** (Alexandria, Va.). New York: ACM, 2005. pp.71-80. Disponível em <http://www.heinz.cmu.edu/~acquisti/papers/privacy-facebook-gross-acquisti.pdf>. Acesso em 22 Agosto 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

POSSENTI, Sírio. Dês observações sobre a questão do sujeito. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 3, Número Especial, p. 27-35, 2003. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0303/4%20art%202%20P.pdf>. Acesso em 04 Julho 2011.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Redes sociais na Internet: Considerações iniciais**. 2004. Disponível em: <http://www.pontomidia.com.br/raquel/intercom2004final.pdf>. Acesso em 08 Setembro 2010.



RECUERO, Rebeca da Cunha. O Orkut como formador de novas identidades no Ciberespaço. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0796-1.pdf>. Acesso em 28 Outubro 2010.

SIBILIA, Maria Paula. **O Show do eu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.